

DEVIR-TERROR: O INCONCILIÁVEL E O DIALÓGICO NAS AÇÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS DO COLETIVO COIOTE

BECOMING-TERROR: THE IRRECONCILABLE AND THE DIALOGIC IN THE POLITICAL-AESTHETIC ACTIONS OF COLETIVO COIOTE

Andiara Ramos Pereira*

RESUMO: Nesse artigo analiso duas ações estético-políticas do Coletivo Coiote. A primeira, uma ação em que imagens sacras foram utilizadas como dildos para masturbações públicas e, logo na sequência, foram quebradas em uma das vias turísticas mais frequentadas da cidade do Rio de Janeiro. Essa ação ocorreu na Marcha das Vadias do Rio de Janeiro, em 2013, momento no qual o Papa Francisco visitava a cidade para a Jornada Mundial da Juventude católica. A segunda ação foi uma costura vaginal realizada para protestar contra os crescentes casos de estupros na cidade de Rio das Ostras, região dos lagos do Rio de Janeiro, em 2014. Esses dois eventos são aqui pensados a partir das noções de terrorismo poético, de pornoterrorismo e de contrasexualidade, respectivamente engendradas por Hakim Bey e Diana J. Torres em suas obras “Caos, terrorismo poético e outros crimes exemplares” (2003) e “Pornoterrorismo” (2013).

PALAVRAS-CHAVE: terrorismo poético, pornoterrorismo, Coletivo Coiote.

ABSTRACT: In this article, I analyze two political-aesthetic actions of Coletivo Coiote. The first action in which sacred images were used as dildos for public masturbations and afterwards were broken in one of the most visited tourist routes of Rio de Janeiro. This action took place at the Rio Slut Walk 2013, at which time Pope Francis visited the city for Catholic World Youth Day. The second action was a vaginal seam performed to protest against the increasing cases of rape in Rio das Ostras city, Rio de Janeiro lakes region, 2014. These two events are here thought with the notions of poetic terrorism, pornoterrorism and contrasexuality, respectively engendered by Hakim Bey and Diana

* Andiara Ramos Pereira é mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense e do Programa de Pós-graduação em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Capes. Possui pesquisa voltada para as interseções entre Arte, Gênero e Política. É membro da Coletiva Feminista Maria Bonita RJ, organização responsável pela realização de eventos com a temática da pós-pornografia na cidade do Rio de Janeiro. Email: andiara.deedee@hotmail.com

J. Torres in their works “Caos, terrorismo poético e outros crimes exemplares” (2003) e “Pornoterrorismo” (2013).

KEYWORDS: Pornterrorismo, poetic terrorism, Coletivo Coiote.

**UMA CONJUNTURA:
A CISHETEROCENTRALIDADE E AS
MOBILIDADES DISSENSUAIS**

A natureza não é um destino. Os nossos corpos não são *naturalmente* femininos ou masculinos. E a sexualidade não depende de um sexo oposto e complementar. Os corpos são sexuados de acordo com um dispositivo tecnológico colonizador empreendido pela burguesia europeia heterossexual branca (PRECIADO, 2014). Esse dispositivo, que, tal como Foucault, compreendo como *dispositivo de sexualidade*, engendra o próprio sexo e a sexualidade a partir da produção discursivo-científica que os descreve como dados biológicos a serviço da gestão sócio-política das populações. Entretanto, apreender certas sensações como provenientes dos sexos/gêneros e sexualidades sob a afirmação da biologia ou da natureza pura, sem uma menção cultural, significa camuflar a produção tecnológica dos desejos e prazeres. Essa camuflagem, que equivale à dissimulação da construção tecnológica dos sexos/gêneros e sexualidades, é o principal mecanismo de controle social viabilizado pelo dispositivo de sexualidade. Sob a aparência do natural, o sexo é incitado pela (hetero)sexualidade para a gestão da vida estratificada na hierarquia do masculino sobre o feminino. O então formulado sexo binário passa a ocupar o lugar da evidência tácita sem que, com isso, se perceba a violência forjada pela fixação orgânica da diferença sexual pautada na distribuição

assimétrica de poder. Não está em questão apenas a constituição de uma identidade hegemônica e de outridades subalternizadas, mas a concepção de redes produtivas de poder que regulam a vida em sociedade de maneira minuciosa. Nesse sentido, a propagação social e a internalização de um dispositivo de sexualidade que torna natural aquilo que é instituído tecnologicamente orienta a atribuição de sentidos e a inteligibilidade dos corpos normativos de modo que tudo que escapa às normas de gênero e sexualidade é considerado um desvio moralmente vil.

É inteligível o corpo que alinha sexo, gênero, práticas sexuais e desejo numa perspectiva cisheterocentrada. Ou seja, aquele corpo que se adequa a um dos sexos binários sem nenhuma dissonância morfológica, tendo um pênis ou uma vagina, deve assumir expressões de gênero decorrentes de seus sexos, masculino ou feminino, e possuir um desejo sexual pelo sexo oposto e complementar, de modo que suas práticas sexuais correspondam às práticas heterossexuais (BUTLER, 2013). Para essa continuidade causal entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, temos as equações: mulher = vagina = feminilidade = desejo por homens e homem = pênis = masculinidade = desejo por mulheres. Essas equações, contudo, não são formuladas de maneira simétrica. Para os homens, o poder, para as mulheres, a resignação. Essa é a regra do mundo patriarcal cisheterocentrado. Não é por acaso que os casos de estupro ocorrem

com intensa regularidade.¹ Ou que os homossexuais sejam perseguidos e espancados até a morte nas ruas das grandes cidades. Ou que as mulheres lésbicas estejam sujeitas às práticas do estupro corretivo. E ainda, que as pessoas intersexuais não possam decidir sobre a morfologia que querem para si e sejam submetidas à cirurgias logo no início da vida. Além da patologização das identidades trans que as submete à necessidade de uma autorização médica e jurídica para, somente assim, terem suas existências reconhecidas. Essas violências são necessárias para sanar o medo de contaminação incitado pela liberdade de um corpo desviante.

Corpos normais e desviantes, em sua inteligibilidade perfeita ou ausente, são *percebidos* no fluxo cotidiano das cidades. O modo como os corpos são percebidos em seus movimentos – ou, em outras palavras, como tocam o chão da história, fazem e refazem seus trajetos diariamente ou inauguram um novo corpo e um novo chão de modo completamente imprevisível – pode traduzir um consenso com o fluxo neoliberal cisheterocentrado estabelecido ou pode produzir um dissenso. Como dissenso, compreendo uma “ruptura nas formas sensíveis da comunidade” (RANCIÈRE, 1996, p. 370). E, como em toda ruptura, as normas são confrontadas, fazendo emergir novas possibilidades paradigmáticas de mobilidade. De uma maneira ou de outra, os corpos na cidade coreografam seus percursos. De acordo com André Lepecki

(2012) a circulação de nossos corpos na cidade constitui uma espécie de mobilidade dançante que implica uma relação de poder. Dito de outro modo, os nossos movimentos corriqueiros de ir à universidade ou ao trabalho, voltar para nossas casas no final do dia ou ir a festas e encontros familiares nos finais de semana, tudo isso corresponde a coreografias políticas do corpo na cidade. A noção de “coreografia” é usada simultaneamente como prática política e como enquadramento teórico que mapeia performances de mobilidade e mobilização em cenários urbanos de contestação. Nesse sentido, aparições espetaculares² de corpos dissidentes do sistema sexo/gênero estabelecido podem engendrar práticas de resistência às naturalizações que geram violências marcadas pela diferença de sexo, gênero ou sexualidade.

DUAS RE-AÇÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS

A fim de produzir uma análise sobre os modos de resistência propostos por corpos dissidentes das normas de sexo/gênero e sexualidade, tomo como referência o Coletivo Coiote. O Coletivo Coiote é um grupo nômade e autogerido que articula ações estético-políticas de combate ao capitalismo cisheterocentrado. Para isso, apropria-se de linguagens artísticas, como a performance, a música, a pintura corporal, a dança, etc., para, articulando-as com temáticas políticas, provocar choques estéticos em quem se depara com suas ações. Dizer que há, nas ações do Coletivo Coiote, uma apropriação

¹ Em 2015, o 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública estimou que no Brasil ocorrem 5 estupros por hora. Cf.: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/11/brasil-teve-5-estupros-por-hora-e-um-roubo-carro-por-minuto-em-2015.html> Acesso em 9/04/2017.

² Para uma definição da expressão “aparição espetacular”, ver: Abramo, Helena. *Punks e Darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Editora Scritta, 1994.

de linguagens artísticas não significa dizer que o que o Coletivo Coiote faz é arte. No campo da arte há uma tendência à moralização de condutas que seriam lidas como execráveis em outros contextos. Ou seja, o mundo da arte absorve ações com poder de desestabilização, mas as neutraliza, fazendo com que elas sejam achatadas à formulação “isto é arte”. Tornam-se, desse modo, palatáveis. Porém, no Coletivo Coiote nada é tão simples assim. Se “tudo é possível no mundo da arte” (Danto, 2016, p. 15), essa é uma conjuntura que pode reduzir à categoria de arte os movimentos de resistência política que, mesmo com a utilização de linguagens artísticas, não possuem nenhuma intenção de disputar um espaço nesse campo. Tais movimentos de resistência recusam as galerias de arte, os museus e os centros culturais, pois privilegiam o espaço público como lugar do debate político e da desobediência civil por excelência. Não respondem à escassez da categoria “performance”, e sim à ânsia de ver mudanças sociais significativas. Esse é o espírito do Coletivo Coiote.

Embora seu nome seja pouco conhecido, pelo menos duas das ações do Coletivo Coiote tiveram enorme impacto no cenário político brasileiro, gerando repercussão mundial. A saber: a ação em que imagens sacras foram utilizadas como *dildos* para masturbações públicas e, logo na sequência, foram quebradas em uma das vias turísticas mais frequentadas da cidade do Rio de Janeiro. Essa primeira ação ocorreu na Marcha das Vadias do Rio de Janeiro, em 2013, momento no qual o Papa Francisco visitava a cidade para a Jornada Mundial da Juventude católica. A segunda ação foi uma costura vaginal realizada para

protestar contra os crescentes casos de estupro na cidade de Rio das Ostras, região dos lagos do Rio de Janeiro, em 2014. No dia seguinte dessa ação, ocorrida na festa de encerramento de um seminário acadêmico que tratava do tema Corpo e Resistência, inúmeros jornais chamavam atenção para o escândalo que confundia performance com crime.

A ação na Marcha das Vadias do Rio de Janeiro ocorreu no meio da tarde, durante a concentração do ato. O Coletivo Coiote chegou na Avenida Atlântica em um grupo de três pessoas; logo duas delas tiraram suas roupas e penduraram molduras com imagens representando Cristo sobre seus sexos, como um tapa-sexo profanador. A terceira pessoa estava o tempo todo mascarada, vestida e utilizava uma grande lixeira cor de laranja (dessas dispostas pela prefeitura da cidade em locais estratégicos) para tocar músicas conhecidas nos ambientes de militância cariocas, como as canções do Anarcofunk e da K-trina Errátik. Essas músicas foram trilha sonora da ação do início ao fim. O casal despido colocava camisinhas em crucifixos e outras imagens sacras e as usavam para masturbações mútuas. As organizadoras da Marcha das Vadias e as demais pessoas presentes formaram prontamente um cordão de isolamento para que a ação pudesse acontecer do início ao fim. Um ambiente de êxtase, misturando tensão e excitação, se formava ali naquele instante. Por fim, o casal quebrou todas as imagens utilizadas na ação, com a ajuda de pessoas presentes que se dispuseram a fazer o mesmo, espontaneamente. Após o evento, o Coletivo Coiote foi criminalizado e passou a ser investigado pelo Ministério Público Federal.

Imagem: *Frame* de vídeo da ação do Coletivo Coiote na Marcha das Vadias do Rio de Janeiro, em 2013.



Na segunda ação para a qual chamo atenção, o Coletivo Coiote foi convidado pela comissão organizadora do evento acadêmico *Corpo e Resistência*, do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, campus de Rio das Ostras, para realizar uma apresentação na Festa Xereca Satânik. Deixo que xs organizadorxs lhes conte a história:

28 de Maio de 2014: essa é a data do evento acadêmico *Corpo e Resistência* Seminário de INVESTIGAÇÃO & CRIAÇÃO do Grupo de Pesquisas/CNPq práxis estético-políticas na arte contemporânea. Primeiro evento que realizamos de forma equivalente e horizontal. Cada um dos organizadores e participantes teve o mesmo tempo de fala, 30 minutos para apresentarem suas pesquisas. Assim, era a programação: das 15h às 17h30 apresentação das

pesquisas e conversa em uma das salas do CURO (Campus Universitário de Rio das Ostras); às 18h ação do Coletivo convidado; 21h festa de confraternização na área externa do Espaço Multiuso. No entanto, ao conhecer o local do Evento o coletivo Coiote pediu para fazer a ação durante a festa de confraternização e não às 18 horas em local interno do CURO, o que foi aceito de imediato por nós. Assim, por volta das 22 horas tem início a ação do Coletivo Coiote junto com o Anarco Funk. (Um pequeno aparte necessário para esclarecer a conjuntura da ação: 1 – ninguém sabia o que eles iriam fazer: foi lhes dado um tema, o alto índice de estupro na cidade de Rio das Ostras; foi lhes dado total liberdade para realizar sua ação. 2 – todas as estudantes organizadoras do evento de uma forma ou de outra estavam vinculadas às lutas feministas, daí o nome que escolheram

para a festa, Xereca Satanik). Assim, por volta das 22 horas tem início a ação do Coletivo Coiote em parceria com Anarco Funk. A bem da verdade a ação já havia começado há muito tempo, pois toda a preparação de seus corpos e de demarcação do território onde a ação iria se dar já estava acontecendo desde mais cedo. Aliás, podemos dizer que a ação começou quando aceitaram vir sem verba para Rio das Ostras... Mas tomemos como início o momento em que a roda se fechou e os componentes da ação tomaram um lugar demarcado. Um corpo masculino coberto de lama e ladeado por uma cabeça de caveira estava agachado ao pé de uma amendoeira diante de uma fogueira. Outros três corpos femininos cantavam e batucavam em material improvisado músicas de protesto e resistência criadas coletivamente durante a Aldeia Maracanã e as jornadas de junho de 2013. Esses cantos foram ganhando força e produziram uma espécie de transe performativo naqueles corpos que os entoavam. Foi quando um dos corpos femininos deitou-se sobre uma mesa, que estava diante da árvore, abriu as pernas e enfiou uma bandeira do Brasil em sua vagina a qual foi imediatamente costurada por outro corpo feminino numa menção direta e crua à violência de Estado que os corpos femininos sofrem até hoje no Brasil. Mas esses corpos se unem e enfrentam a violência de Estado: num gesto rápido e forte o corpo estuproado arranca a costura e retira a bandeira lá de dentro. Não tem arrego! Contra a violência de Estado a força da resistência radical feminina. Sangro para resistir. Teatro da crueldade contemporâneo. A bandeira é

queimada e em seguida escarificações são feitas nos corpos femininos ali presentes. Marcas de luta, marcas de resistência. Exaustos, os corpos se retiram. Ficamos ali, atônitos sem ter que dizer. (PIMENTEL e VASCONCELLOS, 2017, no prelo)

Como vimos, o convite ao Coletivo Coiote foi realizado para que uma denúncia coletiva contra os crescentes casos de estupro na região fosse elaborada. A ação decorrente da reflexão sobre os inúmeros casos de estupro necessariamente envolve a dor - da costura, do corte -, a imagem da violação se faz e, logo depois, há o alívio da retirada, da tomada de poder pela mulher que expulsa de si o agente de sua dominação. Como denúncia à violência de Estado, obviamente a ação não passou despercebida. Na manhã seguinte, circulava nos grandes canais de comunicação as manchetes “polícia apura festa com ritual satânico, uso de drogas e orgia” e “performance ou crime?”. Das manchetes para discussões em escolas de arte do mundo todo, aqueles de formação mais conservadora diziam que “isso não é arte”, outros tentavam angariar argumentos que pudessem, de modo desesperado, fazer com essa ação fosse absorvida pelo campo da arte. Arte, anti-arte, contra-arte ou não-arte, fato é que a ação do Coletivo Coiote escapa ao campo estrito da arte e suscita discussões no campo social sobre a condição das mulheres no mundo contemporâneo e os limites da autonomia sobre o próprio corpo.

Imagem: Printscreen de matéria do portal de notícias G1.

g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2014/05/uff-vai-apurar-denuncia-de-festa-com-ritual-satanico-drogas-e-orgias.html

MENU G1 REGIÃO DOS LAGOS INTER TV BUSCAR

30/05/2014 19h56 - Atualizado em 31/05/2014 19h33

UFF vai apurar denúncia de festa com ritual satânico, drogas e orgias

Evento foi realizado por universitários em unidade de Rio das Ostras, R.J. Imagem mostra crânio humano usado em suposto ritual de magia negra.

Júnior Costa
Do G1 Região dos Lagos

Tweetar 445 Recomendar 21 mil



Matéria disponível em: <http://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2014/05/uff-vai-apurar-denuncia-de-festa-com-ritual-satanico-drogas-e-orgias.html> Acesso em 09/04/2017.

Imagem: Printscreen de matéria da plataforma virtual do jornal O Globo

oglobo.globo.com/sociedade/performance-ou-crime-12698298

O GLOBO MENU SOCIEDADE COMPARTILHAR BUSCAR CLIQUE E ASSINE

Performance ou crime?

PF investigará ato na UFF que teve mutilação genital e abriu debate sobre arte e educação



Matéria disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/performance-ou-crime-12698298> Acesso em 09/04/2017.

**ALGUMAS CHAVES DE LEITURA POSSÍVEIS:
TERRORISMO POÉTICO, PORNOTERRORISMO E
OUTROS CRIMES EXEMPLARES**

Essas duas manchetes sobre as ações do Coletivo Coiote revelam um tipo de repugnância ou temor supersticioso como reações do público? Se sim, o que nessas duas ações provoca tais respostas? Precisamente: como se configura o terrorismo nessas ações? Para responder essas perguntas, a noção de *terrorismo poético* é fundamental. No texto “CAOS Terrorismo poético e outros crimes exemplares” (2003), Hakim Bey propõe ações de insurreição que se valem do dispositivo de disparo de choques estéticos: “A reação do público ou choque estético produzido pelo Terrorismo Poético tem de ser uma emoção ao menos tão forte quanto o terror – profunda repugnância, tesão sexual, temor supersticioso” (BEY, 2003, p. 7). O choque estético provoca a abertura da *confrontação-direta*. Uma confrontação radical que instala o *devir-terror*. Proponho que o terror se move simultaneamente em duas zonas viscerais: a da recusa, articulada pelo inconciliável, e a do convite, articulada pelo devoramento dialógico da alteridade. De modo que o terror, ao mesmo tempo em que repele exercícios de poder e saber hegemônicos, instaura um campo dialógico afirmador de outridades discursivas e performativas. Dito de outro modo, o terror é a instância do inconciliável porque elimina qualquer possibilidade de diálogo com forças inimigas figuradas na Igreja, no Estado, no capitalismo, no patriarcado e na cisheterocentralidade. E é dialógico porque há a afirmação das políticas de autonomia

e autodeterminação, de livres práticas corporais e vivências de prazer, de descentramento de um referente hegemônico e de multiplicidade de constituições de si. É um movimento de desestabilização do corpo hegemônico pela proliferação de outridades: como efeito, há a possibilidade da apresentação de dissidências sexuais.

E como a nudez colabora na articulação da cena de choque no terrorismo poético? Como se constrói a dimensão política do corpo nu na cidade? A nudez se faz arma de intervenção política porque o corpo é o território da biopolítica. Ou seja, o corpo é um território onde se articulam tecnologias políticas investidas sobre “a saúde, as maneiras de se alimentar e de morar, as condições de vida e *todo o espaço da existência*” (FOUCAULT, 2014, p. 155, *grifo meu*). Esse poder, antes de preocupar-se com o direito de morte, está interessado em gerir a vida humana de modo a constituir as subjetividades, os desejos, as condutas morais e as práticas sociais. Nesse sentido, posicionar a nudez em sincronia com a apropriação das imagens sacras e crucifixos para profanação, tal como ocorre nas ações do Coletivo Coiote, é combater as ideias que encerram o corpo na autocensura. “Fique nu para simbolizar algo”, afirma Hakim Bey. A criação do terrorismo poético ocorre, assim, por meio da destruição de valores morais, procedimento chamado de “arte sabotagem”. Isso porque o terrorismo poético é contra a lei instituída, é *arte como crime, crime como arte*: crime ou performance?

Nas palavras de Bey:

Se os legisladores se recusam a considerar poemas como crimes, então

alguém precisa cometer crimes que funcionem como poesia, ou textos que possuam a ressonância do terrorismo. Reconectar a poesia ao corpo a qualquer preço. Não crimes contra o corpo, mas contra Ideias, (e Ideias-dentro-das-coisas) que sejam letais e asfixiantes. Não libertinagem estúpida, mas crimes exemplares, estéticos, crimes por amor” (BEY, 2003, p. 17)

Os crimes propostos por Hakim Bey são tanto crimes contra as instituições quanto crimes de resistência às opressões biopolíticas. No primeiro caso, a recusa de instituições significa também a recusa do sistema teórico e mercadológico da arte representados pelas grandes narrativas da história da arte e por galerias, centros culturais, museus e etc. O terrorismo poético “não pode servir a nenhum partido ou niilismo, nem mesmo à própria arte” (BEY, 2003, p. 11). Distante dos espaços institucionais da arte, se dá a escolha do espaço público como lugar das ações estético-políticas de terrorismo poético. Não por acaso: ali onde os corpos se exibem vestidos dos moralismos cristãos e naturalizações médico-jurídicas acontece o embate com as outridades excrementícias que se apropriam do vil e do asqueroso para quebrar o ordinário, bancarrotear as normalizações fixadas em nossos corpos. E ainda: apenas no espaço público a dimensão política da ação assume sua potência total. Isto porque o “mundo da arte” torna possível aquilo que é impensável fora de seus limites. Entretanto, *tornar possível* implica lançar para a margem o potencial

de intervenção sociopolítica contra-hegemônico da ação. Dito de outro modo, *tornar possível* significa viabilizar sob a condição de antes sacralizar⁴ e moralizar tudo aquilo que se torna arte. É nesse sentido que confundir as fronteiras entre a arte e a vida é um procedimento necessário para a eficácia do terrorismo poético.

Já no segundo caso, embora Bey não utilize a expressão “biopolítica”, entende os crimes de terrorismo poético como a “superação de toda a polícia interior ao mesmo tempo em que se engana toda autoridade externa” (BEY, 2003, p. 63). Tais crimes se

-histórico”, pois já não há uma narrativa legitimadora que defina os contornos da obra de arte. Sem uma narrativa hegemônica, acontece “que não há uma aparência específica a ser assumida pelas obras de arte, uma vez que a definição filosófica da arte deve ser compatível com todo e qualquer tipo e regra de arte”. Disto, sugiro que, diferente do contexto social de constantes disputas morais e censuras estéticas realizadas pelo Estado e pelas instituições capitalistas, no mundo da arte a circulação daquilo que é considerado socialmente vil não somente é permitida, mas se insere num enredo que busca explicar por que seria ou não uma obra de arte. Com as atenções voltadas para o problema filosófico “por que é arte?”, deixa-se de perguntar “a quem serve?”, ainda que a delimitação da primeira pergunta siga necessariamente o jogo de interesses em questão na segunda pergunta. De modo que o potencial de intervenção combativa às instituições e às opressões fica periférico.

⁴Adialética entre sagrado e profano, apresentada no texto “O que é um dispositivo?”, de Giorgio Agamben, pode ser ilustrativa para o contexto de irrestritas possibilidades proposto por Arthur Danto. Enquanto o sagrado retira as coisas de seu uso comum, mantendo-as separadas num mundo do divino, a profanação restitui para o mundo usual as coisas que teriam sido subtraídas pela religião, trazendo de volta o valor de uso e de troca financeira para os objetos. Para Agamben, “toda separação contém ou conserva em si um núcleo genuinamente religioso.” E é nesta atmosfera teológica em que se concebe algo como arte: retirando do lugar das coisas comuns e tornando-as passíveis de uma consideração diferenciada – ou divina – no mundo da arte. O problema dessa formulação é: se retirados de praça pública para o campo estrito da arte, não há discussão política possível sem neutralização.

³ Para Arthur Danto (2006, p. 15), tudo é possível no contexto contemporâneo da arte – que ele chama de “pós-

configuram como resistência à biopolítica ao considerarmos a constituição de um poder localizado e instável, articulador de complexidades para além das instituições, comumente introjetado nos corpos como efeito de tecnologias produtivas.⁵ Em outras palavras, são crimes que buscam desencavar naturalizações do poder hegemônico sobre os nossos corpos, “libertar o desejo de seus grilhões” (BEY, 2003, p. 18). O desejo de libertação é precisamente o que move as ações do Coletivo Coiote.

É no sentido da libertação de grilhões instituídos sobre os corpos que o terrorismo poético se relaciona com o pornoterrorismo: em incisões críticas na superfície ordenada dos dias e da própria pele. Em um mergulho no avesso. Invocar o prazer em vez do lucro. Escancarar escatologias em praça pública. No livro “Pornoterrorismo” (2013), a performer Diana J. Torres aborda e transvalora a situação de abjeção em que os sexos e as sexualidades dissidentes são postos nas sociedades patriarcais que tem o heterocapitalismo como motriz dos padrões de sexo/gênero. Na lógica do patriarcado heterocentrado o corpo feminino cis e os corpos trans são aqueles que não raro são violados, patologizados e inferiorizados. Assim situados num campo alheio ao da autonomia, do prazer autodeterminado, é preciso que esses corpos destituam o poder que lhes subjulga através do empoderamento, da apropriação e da subversão de códigos e condutas. Nas palavras de Diana J. Torres:

Mi sexo no se autocensura, eso siempre viene desde fuera. Son los ojos de lxs demás los que me juzgan no apta o incluso peligrosa, no los de mis amantes. Y ante esa censura mi almeja se abre como una criatura de las profundidades, monstruosa, mastodôntica, terrorífica. Les doy motivos para temer. [...] Que mi sexualidade sea transgressora no es algo que yo haya elegido em um principio, pero ya que tiene que ser así y no hay más vueltas, por lo menos quiero ser dueña de mi gran delito, imprimir em ello el toque de mi voluntad, usarlo como arma y como guía. Porque cuando la sociedade te coloca uma etiqueta nunca te pide tu permiso o tu opinión para hacerlo, se trata de um afán classificatório, esa urgência tan típica por ponerle nombre a todo. Así, yo me llamo marimacho, bollera, desviada, pervertida, delincuente, blasfema, fea, enferma. [...] yo me erijo em todo lo que dicen que soy para serlo com razón, para serlo más y mejor cada día, para construir com todo ello esta identidade bastarda hija de mil pecados que finalmente es lo que me hace ser quién soy y lo que me acerca a otrxs monstruxs para establecer alianzas. (TORRES, 2013, p. 22-23)⁶

⁵ Cf.: Foucault, 2014, p. 101.

⁶ “Meu sexo não se autocensura, ele sempre vem de fora. São os olhos dxs demais que me julgam inapta ou até mesmo perigosa, não os de minhas/meus amantes. E ante essa censura minha vulva se abre como uma criatura do abismo, monstruosa, gigantesca e aterrorizante. Eu os dou motivo para temer. [...] Que minha sexualidade seja transgressora não é algo que escolhi inicialmente, mas se tem que ser assim e não há mais volta, pelo menos quero ser dona do meu grande delito, imprimir nela o toque da minha vontade, usá-la como arma e como guia. Porque quando a sociedade coloca em você uma etiqueta nunca te pedem permissão ou opinião para fazê-lo, se trata de uma urgência classificatória, essa urgência típica de dar nome a tudo. Assim, eu me chamo mulher-macho,

Assim, a ação pornoterrorista é construída a partir da apropriação do lugar de abjeto para *sê-lo com razão*. Esse lugar de abjeção reivindicado pelas performatividades desviantes, como o Coletivo Coiote, é produtor de estados temporários de ruína das práticas normativas do sexo e do desejo de modo que está diretamente relacionado com a construção da cena de choque. Pois, ao realocar as sexualidades transgressoras do lugar de desvio médico-psiquiátrico para um campo de batalha onde o corpo é uma arma de emancipação política, desestabiliza-se o cisheterocapitalismo. A desestabilização das normas do sistema de sexo/gênero e sexualidade aciona o terror. Em outras palavras, o terrorismo ocorre no campo simbólico dos valores morais e das crenças. No gesto de ativar o devoramento dialógico dos corpos e dos prazeres desviantes, o pornoterrorismo pode ser entendido, inclusive, como uma prática descolonizadora:⁷ uma resposta violenta aos paradigmas sócio-políticos da sexualidade promulgados pela burguesia

sapatão, desviante, perversa, delinquente, blasfema, feia, doente. [...] eu me erijo em tudo o que dizem que sou para sê-lo com razão, para sê-lo mais e melhor a cada dia, para construir com tudo essa identidade filha bastarda de mil pecados que finalmente é o que me faz ser quem sou e o que me aproxima de outrxs monstrxs para fazer parcerias.” Tradução minha.

⁷ Segundo Bonnici (1998, p. 13-14), há uma vinculação íntima entre os estudos pós-coloniais e o feminismo que aparece sistematicamente na analogia: patriarcado/feminismo, metrópole/colônia. Nessa lógica, as corporalidades não-normativas estão numa relação estrutural de opressão deliberada pelo homem branco europeu do mesmo modo que as colônias estão em relação de dominação e extermínio pela metrópole. Então, se o homem foi colonizado, as mulheres foram duplamente colonizadas e é preciso, no contexto pós-colonial, libertar as amarras socioculturais e políticas impostas pelo colonizador, expulsá-las do próprio corpo pessoal-político.

heterocentrada. Essa resposta prolifera os prazeres não-normativos nos quais não há um pênis orgânico como referente sexual supremo. Há multiplicidade de orifícios, penetração anal com dildos sagrados – santos e satânicos, virgens com cabeças penetrantes, sangue e escatologias com e sem preservativo. Embaralha-se toda e qualquer fronteira binária do sexo. Trata-se da contaminação da economia heterocentrada.

Uma contaminação disposta em práticas não hegemônicas do sexo e da sexualidade, práticas essas que, como afirma Diana J. Torres, são práticas monstruosas. Os monstros são os abjetos do dispositivo de sexualidade burguês. São aqueles que são expelidos e repulsados pela cisheterossociedade.⁸ Mas são também os que criam estados epidêmicos de fragilização do sistema de sexo/gênero hegemônico e do próprio dispositivo de sexualidade. Nessa direção, entendo que o Coletivo Coiote performa monstruosidades pornoterroristas, ou seja, experiências de contaminação da corporalidade asséptica formulada pela classe burguesa. O corpo monstruoso do pornoterrorismo colapsa a hegemonia do sistema de valores burguês cisheterocentrado e entra no jogo dinâmico de disputa de forças que constitui os desejos e a subjetividade na

⁸ Para Butler, o “‘abjeto’ designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente ‘Outro’. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece. A construção do ‘não eu’ como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito. (...) o repúdio aos corpos em função de seu sexo, sexualidade e/ou cor é uma ‘expulsão’ seguida por uma ‘repulsa’ que fundamenta e consolida identidades culturalmente hegemônicas em eixos de diferenciação de sexo/raça/sexualidade.” (BUTLER, 2013, p. 190-191)

materialidade do corpo, sobrepondo o desvio ao estado naturalizado de ações no mundo. O colapso é efetivado com êxito quando há a negação da conformidade social aos moldes dominantes. Recusar tornar-se um cidadão aceitável, um “alguém na vida”, e até mesmo recusar tornar-se uma mulher ou um homem são recursos que evidenciam um dos objetivos do pornoterrorismo: a sabotagem ao sistema capitalista, cisheterocentrado e patriarcal (TORRES, 2013, p. 19-21). Essa negação à adequação aos modos de vida capitalista e heterocentrado aparece em todo o trabalho do Coletivo Coiote. É, inclusive, possível dizer que o trabalho do Coiote é focado em *criação de modos de vida resistentes*.

Para criar modos de vida resistentes ao heterocapitalismo ou realizar o tipo de contaminação que *sabota para destruir* o sistema em questão, a apropriação do próprio corpo é necessária antes de tudo. Apropriar-se do próprio corpo em uma sociedade cisheterocentrada e patriarcal implica ressignificar certas *etiquetas*, como aquelas que taxam as mulheres de “loucas” ou “lésbicas” simplesmente por agirem de maneira autodeterminada. Nesta ressignificação, não apenas as palavras são apropriadas para serem positivadas, mas as práticas sexuais não hegemônicas passam a configurar modos de desestruturação da economia cisheterocentrada misógina. Essa desestruturação é elaborada pelo Coletivo Coiote em sua costura vaginal ocorrida na festa Xereca Satânik. O ato de costurar a vagina como uma intervenção estético-política para destacar os crescentes casos de estupro numa região equivale a interromper o fluxo de relações reificadas do

corpo com a vida, o que instaura uma nova mobilização dos sentidos e inicia o improvável. O campo do improvável aberto pelo Coletivo Coiote se desvincula das naturalizações médico-jurídicas para compor no próprio corpo um terreno combativo que se ergue sobre os escombros das violências de sexo/gênero. Se “aquilo contra o que lutamos bem poderia estar alojado, como um parasita, dentro de nossos corpos”, como afirma Diana J. Torres (2013, p. 43, tradução nossa), seria, então, necessário realizar um movimento purgatório que eliminasse o inimigo entranhado. A eliminação do inimigo heterocentrado passa pelo reconhecimento que seu perímetro de ação atravessa o corpo de modo a anulá-lo, devastando a potência ali pulsante. A anulação pode ocorrer tanto pela violência sexual que agride e traumatiza quanto pela negação ao prazer sexual, que faz com que mulheres em todo mundo não experimentem o orgasmo.

O perigo contido no exercício livre da sexualidade feminina ou nas amplas formas de sexualidade dissidentes é o perigo de uma vagina costurada: além de tornar o pênis inútil, propõe a experimentação de camadas subterrâneas do prazer. Essa combinação é um ato de terrorismo, pois o gozo contra-hegemônico carrega consigo o peso dos potentes gozos que nunca ocorreram ou que foram frustrados pela cisheterocentralidade.

Aliado aos gozos de corpos não hegemônicos está a sexualização do ânus. Na sociedade cisheterocentrada, o ânus existe apenas como um canal excretor e a penetração anal (seja por um dedo, um dildo, um pênis) carrega consigo a ameaça de conversão

de um homem hétero em uma *bicha irremediável*. Para a prática pornoterrorista, o prazer anal está diretamente associado às noções de poder e liberdade. O ânus é uma passagem de entrada do prazer e a proibição do prazer anal só ocorre na medida em que esse prazer é perigoso e pode desestabilizar o sistema de sexo/gênero vigente. As relações entre o poder, a liberdade e o ânus estão em jogo não apenas no pornoterrorismo, mas também na contrassexualidade. Isto porque o ânus é um território de disputa política: na economia cisheterocentrada há uma mobilização para que ele seja vetado de seus possíveis prazeres, na sociedade contrassexual ele torna-se um centro erógeno situado para além do esquema binário de representação sexual. O ânus é um centro erógeno “situado além dos limites anatômicos impostos pela diferença sexual”, além de ser uma “zona primordial de passividade” e o trabalho do ânus não é destinado à reprodução nem se baseia numa relação romântica (PRECIADO, 2014, p. 32).

O diálogo do Coletivo Coiote com o pornoterrorismo e com a contrassexualidade se faz, assim, tanto como exercício político de dissidência quanto como proposição de um projeto a partir do qual os corpos se tornam livres. De acordo com Preciado, a sociedade contrassexual se dedica a “identificar os espaços errôneos, as falhas da estrutura do texto (corpos intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, saps, bibas, butchs, históricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes...) e reforçar o poder dos desvios” (PRECIADO, 2014, p. 27). Não se trata de uma utopia/distopia disponível para ser

instalada *após* uma revolução movimentada por uma massa insatisfeita. Está em questão a marcação de uma posição não vanguardista que concebe os limites da naturalização do corpo no tempo dinâmico das múltiplas forças atuantes no instante de uma ação. Acrescida a essa posição está a incitação para guerrear contra o sistema de sexo/gênero por meio de práticas de subversão que reforçam o poder dos desvios. Essa é também uma das proposições do Coletivo Coiote quando atenta para o ataque e a desconstrução da naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. **Punks e Darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.
- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In: **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- BEY, H. **CAOS Terrorismo Poético** e Outros Crimes Exemplares. São Paulo: Conrad, 2003. Disponível em: <http://www.imagomundi.com.br/cultura/caos.pdf>. Acesso em 31/05/2017
- Bonnici, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, Bauru, Universidade do Sagrado Coração, v. 19, n. 1, 1998.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- COLETIVO COIOTE. Coiote, um korpo extraño. **Revista Rosa 5#** Arte e literatura queer. Edição especial pós-pornô, 2014. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-5> . Acesso em 31/05/2017
- COSTA, P. NOGUEIRA, F. Da pornochanchada ao Pós-Porno-Terrorismo no Brasil: d’As

Cangaceiras Eróticas ao Coletivo Coiote. **Revista Rosa 5#** Arte e literatura queer. Edição especial pós-pornô, 2014. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-5> . (Acesso em 31/05/2017)

DANTO, A. **Após o Fim da Arte**: A Arte Contemporânea e os Limites da História. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: **Ditos e escritos V** - Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. 1ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LEPECKI, A. Coreopolítica e coreopolícia. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, V. 13, n.1, jan/jun. 2012.

PANAMBY, S. O caso da xereca satânica contra as boas almas inquisidoras. **Plataforma Pulso**, 2014. Disponível em <http://www.plataformapulso.com/#!O-CASO-DAS-XERECAS-SATNICAS-CONTRA-AS-BOAS-ALMAS-INQUISIDORAS/cmbz/516BE4CC-9DF8-498B-A6Co-766B24D7E2F1> (Acesso em: 30/01/2015)

PIMENTEL, M. VASCONCELLOS, J. Coletivo 28 de Maio. O que é uma ação estético-política? (um contramanifesto). **Revista VAZANTES**, Ceará, Programa de Pós-Graduação em Artes do ICA-UFC, nº 1. No prelo.

PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011.

RANCIÈRE, J. O dissenso. In: **A crise da razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TORRES, J. D. **Pornoterrorismo**. Oaxaca de Juárez, Surplus em colaboração com Txalaparta, 2013.

Recebido para publicação em 10 abril 2017.

Aceito para publicação em 04 out. 2017.